




DA MINHA JANELA: UM OLHAR PARA O LIVRO ILUSTRADO INFANTIL E SUA LEITURA

FROM MY WINDOW: A LOOK AT THE CHILDREN'S ILLUSTRATED BOOK AND ITS READING

Fabiola Cordeiro de Vasconcelos  0000-0002-1908-3059
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino – Universidade Federal de
Campina Grande
fabiolacordeiro@uol.com.br

Fabiana Ramos  0000-0002-9052-0485
Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de Campina Grande
fabiramos.ufcg@gmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/rle.v21i1.2095>

Recebido em 28 de janeiro de 2021

Aceito em 16 de março de 2021

Resumo: Considerando a riqueza de possibilidades que apresenta a leitura da linguagem verbo-visual do livro ilustrado infantil, o estudo visa a analisar a obra premiada “Da minha janela”, de Otávio Júnior, com ilustrações de Vanina Starkoff, debruçando-se sobre os seus modos de articulação entre linguagem visual e linguagem escrita, os efeitos de sentido produzidos por tal articulação, bem como sobre suas potencialidades para contribuir para a formação leitora da criança. A análise, referenciada em autores como Linden (2011), Salisbury e Styles (2013), Nikolajeva e Scott (2011) e Ramos e Panozzo (2012), entre outros, aponta para a qualidade estética da obra, assentada na harmoniosa articulação das linguagens visual e verbal, que conduzem o leitor a uma visão poética e positiva das favelas cariocas, favorecendo a mudança de ponto de vista sobre tais espaços urbanos.

Palavras-chave: Livro ilustrado infantil. Leitura. Formação leitora.

Abstract: Considering the wealth of possibilities presented by the reading of the verbo-visual language of children's illustrated books, the study aims to analyze the awarded work “Da minha Janela” (From my Window), by Otávio Júnior, with illustrations by Vanina Starkoff, focusing on his ways of articulation between visual language and written language, the effects of meaning produced by such articulation, as well as their potential to contribute to the development of children's reading skill. The analysis, referenced in authors such as Linden (2011), Salisbury and Styles (2013), Nikolajeva and Scott (2011) and Ramos and Panozzo (2012), among others, points to the aesthetic quality of the work, based on the harmonious articulation of visual and verbal language, which lead the reader to a poetic and positive view of Rio's slums, favoring a change of point of view about such urban spaces.

Keywords: Children's illustrated books. Reading. Reader training.

1 Introdução

O livro infantil ilustrado, entendido como obra literária para crianças em que a imagem é espacialmente predominante em relação ao texto escrito e cuja narrativa se faz pela articulação dessas duas linguagens (LINDEN, 2011), tem ocupado cada vez mais lugar na produção literária infantil brasileira nos últimos anos. Por contemplar a linguagem visual e verbal, a leitura desse livro exige do pequeno leitor não apenas a compreensão do texto escrito, mas também a construção de sentido para as ilustrações, o que supõe um permanente exercício de interação do leitor com as duas linguagens. Tal característica torna o livro ilustrado infantil uma opção de leitura rica em possibilidades na formação leitora das crianças, desde os seus primeiros anos de vida.

Em meio aos livros dessa natureza produzidos no contexto nacional, selecionamos para análise neste estudo a obra *Da minha janela*, de autoria de Otávio Júnior, com ilustrações de Vanina Starkoff, publicada pela Companhia das Letrinhas em 2019 e vencedora do prêmio Jabuti de 2020, na categoria melhor livro infantil. Nesta obra, destacam-se, dentre vários fatores que justificam sua premiação, a sintonia entre texto escrito e imagem, a qualidade e a beleza das ilustrações e, sobretudo, o ponto de vista adotado na narrativa para apresentar o espaço urbano das favelas cariocas.

Considerando tais qualidades no livro em foco, nossa análise objetiva analisar os seus modos de articulação entre linguagem visual e linguagem escrita, discutindo os efeitos de sentido produzidos por tal articulação, bem como suas potencialidades para contribuir para a formação leitora da criança.

Com vistas a atingir o referido objetivo, organizamos o artigo em três seções. Na primeira, abordamos o livro infantil ilustrado na perspectiva de vários autores, refletindo sobre o seu surgimento, suas características e exigências ao leitor criança. Já na segunda nos debruçamos sobre a análise do livro em foco, considerando, para tanto, não só suas características e recursos, mas também suas potencialidades para a formação leitora infantil. Por último, apresentamos nossas considerações finais.

2 O livro infantil ilustrado e sua leitura

O livro infantil ilustrado moderno tem história recente. Salisbury e Styles (2013) situam o seu surgimento no final do século XIX, atribuindo sua paternidade ao inglês Randolph Caldecott por ter concedido, em uma obra, relevante papel à imagem na narrativa e, por isso, criado, ao justapor palavra e imagem, uma relação inexistente até então. Linden (2011), por sua vez, localiza esse surgimento no final da segunda década do século XX quando, na França, a publicação de uma obra em que o visual foi privilegiado de modo explícito anunciou, a seu ver, o livro infantil ilustrado contemporâneo, embora ressalte que muito sobre as origens desse livro continue indefinido e, por isso, sua história demande ainda ser estudada e escrita.

Inicialmente, os livros infantis ilustrados foram pensados como artefato de leitura destinado às crianças menores, tidos como instrumento de apoio a sua alfabetização. É claro que esse propósito inicial, embora não abandonado, foi sendo modificado e, hoje, em virtude da crescente expansão de seu público e alcance, o livro ilustrado vem sendo reconhecido como arte e literatura (cf. SALISBURY, STYLES, 2013), e apresentando aspectos formais e materiais múltiplos que ampliam significativamente as possibilidades de categorizá-lo, o que não significa que essa multiplicidade implique perder de vista o seu caráter primordial: a profícua interrelação entre as linguagens verbal e visual, da qual decorre sua riqueza e capacidade de surpreender os leitores.

Cabe destacar, pois, que a principal característica de um livro ilustrado é a intrínseca relação entre as linguagens das palavras e das imagens. Nele, a totalidade é resultante da integração entre o que é posto através do meio verbal e o que é apresentado pelos múltiplos recursos da visualidade. Para isso, em vez de uma repetição, por cada modo de expressão, do que o outro comunica, há uma colaboração mútua entre eles, nenhum tendo maior importância que o outro, já que o significado decorre da interação entre palavras e imagens que não fazem sentido, quando separadas.

Nikolajeva e Scott (2011) destacam a complexidade dos modernos livros ilustrados e apontam ainda não existirem ferramentas suficientes para decodificar o seu texto específico, aquele decorrente da interação entre imagens e palavras. Recorrem à terminologia semiótica para caracterizar o livro ilustrado como aquele capaz de comunicar através desses dois conjuntos diferentes de signos – os icônicos (figuras) e os convencionais (palavras) –, entre os quais se estabelece uma tensão que é geradora de possibilidades interacionais ilimitadas. Tratando da função desempenhada por cada linguagem nesses livros, ressaltam que enquanto o texto visual é adequado ao descrever e exerce função mimética, isto é, comunica mostrando, o verbal é apropriado ao narrar e cumpre função diegética, uma vez que comunica contando. No livro ilustrado, palavras e imagens podem estabelecer entre si relações de reforço e, também, de contraponto, caso este em que apresentam informações alternativas ou de alguma maneira se contradizem, o que abre margem a uma diversidade de interpretações e dá maior espaço à imaginação do leitor.

No caso específico da forma como, no livro ilustrado, é apresentada a descrição dos ambientes, as referidas autoras afirmam que, devido às múltiplas possibilidades da interação texto-imagem, a ambientação pode ser realizada pelas palavras, pelas ilustrações ou por ambas, desempenhando diferentes funções nesse livro. Nele, devido à quantidade limitada de texto verbal, descrições verbais do cenário não ocorrem ou são limitadas, razão pela qual abrem-se possibilidades ilimitadas para a descrição visual. Nikolajeva e Scott (2011) destacam a relevância da ambientação nessa forma de livro ao indicarem que, além de estabelecer a situação e a natureza do mundo onde ocorrem os eventos narrados, ela informa um tempo e um lugar para as ações apresentadas, e ajuda a construir um clima afetivo que influencia o modo como o leitor reagirá emocionalmente ao lido.

Para as estudiosas, os livros ilustrados são planejados e concretizados especificamente com o intuito de comunicar através da palavra, da imagem e da combinação entre elas. Como asseveram, é essa combinação dos signos visual e verbal que confere a tais livros a condição de serem forma de arte singular que contempla inúmeras possibilidades de relações entre palavra e imagem, ideia reforçada por Tucker (1981 *apud* HUNT, 2010), ao defender que a arte do livro ilustrado reside nas interações que nele se dão entre ilustração e texto.

Múltiplos estudos vêm destacando esse caráter artístico do livro infantil ilustrado e apontando a inadequação de se duvidar dele pelo fato desse livro ser publicado principalmente para crianças. Salisbury e Styles (2013), por exemplo, destacam que o livro ilustrado, por incluir conceito, arte, *design* e produção, começa a preencher um significativo espaço na arte gráfica narrativa e representacional, além de, como arte de qualidade, oferecer ao leitor possibilidades de ampliar a consciência e de humanizar-se. Ademais, ao combinar uma visão artística única e pessoal com uma habilidade de alcançar as mentes e os corações do público, é capaz de promover prazer e estimular a imaginação de crianças e adultos.

Reforçando sua compreensão do livro ilustrado como forma de arte, os autores recorrem a Bader (1976 apud SALISBURY; STYLES, 2013), autora norte-americana que salienta seus elementos integrantes ao caracterizá-lo nos seguintes termos:

Um livro ilustrado é texto, ilustração, design total; um item de manufatura e um produto comercial; um documento social, cultural e histórico: e, acima de tudo, uma experiência para a criança. **Como uma forma de arte**, ele passa pela interdependência de imagens e palavras, pela exibição simultânea em duas páginas, e pelo “drama da página virada”. (p. 75) (grifo nosso)

Em sua definição, a autora se refere a três importantes aspectos da constituição desse livro: imagens e palavras interrelacionadas, páginas duplas e passagem de uma página a outra. No que concerne ao segundo aspecto, Linden (2011) pontua que em virtude da curta extensão dos textos escritos e do tamanho mais destacado das imagens, bem como pelas poucas páginas sequenciais que o compõem, o livro ilustrado relaciona-se muito estreitamente com a página dupla, a qual abre, aos criadores, múltiplas possibilidades de expressão e favorece a fruição da leitura. Por isso, é determinante o modo como textos e imagens são inscritos em seu espaço.

Já quanto ao terceiro elemento, necessário se faz atrelá-lo ao estímulo à continuidade da leitura, já que um detalhe visual ou verbal numa página encoraja o leitor a virá-la para descobrir o que acontece em seguida. No livro ilustrado, texto e imagem devem ser vistos em sua inserção em um suporte no qual todos os elementos contribuem para a constituição do sentido. Desse modo, têm importância a forma como as mensagens se dispõem nesse suporte, além de seu encadeamento e diagramação, elementos que possibilitam que o discurso, em sua completude, seja construído na escala do livro, na sequência das suas páginas viradas.

Também contemplando os três aspectos componentes do livro infantil ilustrado, acima destacados, Linden (2011) o define como

uma forma de expressão que traz uma interação de textos (que podem ser subjacentes) e imagens (especialmente preponderantes) no âmbito de um suporte, caracterizada por uma livre organização da página dupla, pela diversidade de produções materiais e por um encadeamento fluido e coerente de página para página. (p. 87)

No livro ilustrado infantil, as maneiras de organização interna e de ocupação do suporte - que incluem o tamanho e a separação das mensagens das palavras e das imagens, o seu aspecto formal, o modo de ocupação da página dupla etc. - vêm assumindo formas variadas e extremamente criativas e desafiadoras à leitura. Devido a essa diversificação, cabe ressaltar a inexistência, no conjunto de tais livros, do que se possa caracterizar como uma diagramação identificável (cf. LINDEN, 2011).

Enfatizando a ideia de que a diagramação do livro ilustrado contemporâneo se caracteriza por grande liberdade formal, a autora ressalta o tipo de diagramação por associação - que reúne pelo menos um enunciado verbal e um enunciado visual no espaço da página -, como o mais comum. Embora esclareça que essa diagramação associativa possa realizar-se de diferentes modos, destaca a forma em que a imagem ocupa a totalidade da página e o texto é inscrito dentro dela, em um lugar que Linden (2011, p. 68) caracteriza como “dessemantizado” por não apresentar representação figurativa portadora de sentido. Esclarece que é a intenção narrativa que determina as

escolhas da diagramação, mas aponta que a rápida sucessão de imagens e textos curtos no tipo associativo é capaz de dinamizar a leitura.

Considerando que a leitura de um livro infantil ilustrado pressupõe do leitor idas e vindas entre o verbal e o visual, cabe também tratar das peculiaridades do texto verbal inserido nessa forma de livro. A característica primordial desse texto é a sua brevidade, o que pode ser justificado pelo fato de que, por sua destinação aos leitores iniciantes, nos livros infantis ilustrados as imagens são predominantes do ponto de vista espacial e o elemento verbal deve se subordinar ao tamanho delas e às características do suporte, embora com isso não se torne secundário. “O texto do livro ilustrado é, por natureza, elíptico e incompleto” (cf. LINDEN, 2011, p. 48), pode assumir diferentes formas e tem fundamental importância na concretização da leitura, uma vez que, apresentando menor extensão, favorece manter o equilíbrio do ritmo da leitura de ambas as linguagens, a verbal e a visual.

Ao longo do século XX, os livros ilustrados foram progressivamente tornando-se mais ricos e desafiadores ao leitor, que é impelido a construir, na leitura, suas próprias respostas e soluções, juntando-se aos autores-ilustradores na criação da história e de sua interpretação. Por isso, esse leitor precisa participar ativamente do processo de leitura desses livros, já que a dinâmica destes inclui o fato de palavras e imagens serem evocativas e poderem, de modo total ou parcial, preencher as lacunas uma da outra, mas também deixarem essa incumbência àquele que lê, apresentando-lhe espaços que deve preencher a partir de seu conhecimento e experiência prévios.

Caracterizando como um círculo hermenêutico a leitura desses livros, Nikolajeva e Scott (2011) argumentam que, quer começando-se pelo signo verbal ou pelo visual, nessa leitura há a geração de expectativas de um sobre o outro, num processo em que novas experiências e repercussões são geradas sobre o leitor, o qual, ao voltar-se do verbal ao visual e vice-versa, buscando concatená-los, expande o seu entendimento do lido. Nessa perspectiva, cada releitura das palavras e/ou imagens de um livro ilustrado cria melhores fundamentos para uma posterior interpretação mais completa de sua totalidade.

Acerca da relação entre texto e imagem no livro infantil ilustrado e de sua repercussão sobre a leitura, os autores franceses Fabienne Ségué e Yann Fastier, em breve esclarecimento inserido na obra de Linden (2011), enfatizam a relação colaborativa entre palavras e imagens nesse tipo de livro, destacando-a como crucial à condução da narrativa e ao estabelecimento de possibilidades de significação que demandam uma participação ativa do sujeito leitor e sobre as quais os autores-ilustradores não têm controle absoluto. Afirmam eles que essa articulação “é pensada essencialmente em termos de complementaridade (o texto dizendo o que a imagem não mostra e a imagem mostrando o que o texto não diz), numa relação que pode se estender até a contradição, ou até a mais completa disjunção” (p. 127). Assim, qualquer que seja a natureza desse relacionamento entre o verbal e o visual, ela está sempre a serviço da eficácia narrativa e da legibilidade, conduzindo a narrativa e tornando-a compreensível.

Fato é que o livro infantil ilustrado vem assumindo, ao longo de sua história, grande destaque entre as publicações dirigidas às crianças e continua a evoluir e se diversificar. Apresentando materialidades e formatos múltiplos, com vistas a atender a usos e leitores específicos, bem como a escolhas expressivas particulares dos autores, obras cada vez mais criativas, originais e surpreendentes vêm surgindo, promovendo tanto o encantamento e a surpresa aos leitores, quanto estabelecendo desafios à leitura e à própria compreensão desse objeto, de sua caracterização e definição.

Desse modo, a superação dos desafios colocados à criança na leitura do livro infantil ilustrado passa necessariamente por um trabalho de construção de sentido para o

binômio da linguagem verbo-visual que o constitui, enquanto códigos que se imbricam e se integram para dar a conhecer o universo revelado pelo livro. Nesse sentido, não é suficiente apenas considerar a leitura do texto escrito, mas também a leitura das ilustrações, num trabalho continuamente sistemático também de letramento visual. Para tanto, Ramos e Panozzo (2012, p.41) destacam que “não basta utilizar a percepção e identificar figuras e elementos plásticos e suas categorias, é preciso analisar semelhanças e diferenças, recorrências, estabelecer relações entre contextos, possibilidades narrativas e discursivas de configurações imagéticas”.

Sendo assim, o leitor do livro ilustrado infantil precisa conhecer não só os modos de articulação dos diferentes sistemas de linguagem que se articulam na obra, como também os seus mecanismos e especificidades. Isso implica pensar numa formação leitora que se dedique à mediação da construção de sentido pelo leitor criança, calcada no estudo do funcionamento, uso e combinações entre os sistemas verbal e visual, bem como seus modos de produzir sentidos. Esse processo exige a educação para olhar o texto, a alfabetização visual que, conforme Salisbury (2007 apud Ramos, 2011, p. 39), “refere-se à destreza de ver, desenhar e formular um juízo estético” sobre a obra lida, em consonância com a alfabetização para o escrito, com vistas a sua apropriação integral.

No entanto, Ramos (2011) alerta que, na contramão de práticas de leitura que integram o visual e o escrito, por vezes, o que se observa nas abordagens de livros ilustrados infantis nas escolas brasileiras ainda é a primazia da leitura da linguagem escrita, em detrimento do texto visual, embora muito do imaginário infantil esteja assentado sobre as imagens proporcionadas pelos meios de comunicação.

Nesse sentido, a autora observa que é preciso modificar nossa aproximação dos livros infantis, a partir da valorização também da leitura das imagens, reconhecendo a sua importância para a produção de sentido nessas obras. Na mesma direção, Coelho (2003) ressalta que a imagem no livro infantil deve ser valorizada, pois estimula a atenção visual e o desenvolvimento da capacidade de percepção; concretiza relações abstratas que, só através das palavras, a mente infantil teria dificuldade em perceber; contribui para o desenvolvimento da capacidade da criança para a seleção, organização, abstração e síntese dos elementos que compõem o todo; e estimula e enriquece a imaginação infantil, ativando a potencialidade criadora do ser humano.

Ao valorizar o diálogo produtivo e criativo entre texto, ilustração e projeto gráfico nas obras infantis, o mediador da leitura literária estará a um passo de conduzir o leitor a um exercício de leitura crítica, propiciado pela qualidade estética da obra que, por vezes, manifesta-se numa representação enigmática ou não usual do mundo que nos cerca, convidando-nos a uma constante reflexão acerca de nossa existência.

Nessa direção, na seção seguinte, debruçamo-nos sobre uma dessas obras, com o fito de analisar as características da linguagem verbo-visual e suas potencialidades no processo de formação leitora crítica da criança.

3 Da minha janela: analisando a obra

O livro infantil ilustrado em análise neste artigo, *Da minha Janela*, como citamos anteriormente, é de autoria de Otávio Júnior, escritor, ator, contador de histórias e produtor teatral carioca, conhecido como “o livreiro do Alemão”, denominação que recebeu por ter tido a iniciativa de criar a primeira biblioteca nas favelas do Complexo do Alemão e no Complexo da Penha, no Rio de Janeiro.

No livro, o texto escrito é harmoniosamente acompanhado das detalhadas e coloridas ilustrações da argentina Vanina Starkoff, para compor um cenário bastante conhecido nos grandes centros urbanos brasileiros: a favela, de forma a descortinar para o leitor criança um mundo pleno de possibilidades, onde a vida pulsa, na natureza, nas casas, pessoas e manifestações artístico-culturais, desconstruindo a visão estereotipada e negativa sobre essas comunidades.

Nossa análise objetiva compreender os modos de articulação entre linguagem visual e linguagem escrita na obra em foco, assim como os efeitos de sentido produzidos por tal articulação e as potencialidades do livro, na direção de contribuir para a formação leitora da criança.

Contrapondo-se à visão corrente da favela como lugar de violência e medo, onde faltam beleza e perspectivas, no livro ilustrado *Da minha janela*, autor e ilustradora nos apresentam esse espaço pelo ponto de vista de um menino-narrador que o habita e, de sua janela, o vê e descreve com um olhar cheio de afeto e encanto.

Na obra, as linguagens verbal e visual se articulam de modo bem-sucedido para apresentar aos pequenos leitores essa visão subjetiva do espaço vivido, manifestada pelo viés dos afetos e das emoções, caminhos que se mostram capazes de ajudar a construir uma leitura positiva desse ambiente, alvo de tantos estigmas e preconceitos. Nessa direção, um grande mérito do livro, narrado em primeira pessoa, está na capacidade de apresentar uma favela carioca (dado apreendido da presença, nas imagens, de monumentos da cidade do Rio de Janeiro), a partir de uma perspectiva repleta de esperança e positividade, manifestada através das linguagens verbal e visual e, também, da profícua articulação que estabelecem ao funcionarem em uníssono (cf. SALISBURY, STYLES, 2013) para compor a totalidade desse livro infantil ilustrado repleto de boas qualidades.

No tocante à linguagem visual, na obra em análise, chama imediatamente a atenção a presença farta das ilustrações que preponderam e, nas páginas duplas e sem moldura, ocupam a totalidade do espaço, criando efeito de presença e envolvimento, e convidando o leitor a entrar nas imagens (NIKOLAJEVA, SCOTT, 2011). Dentro delas está inserido o sintético texto verbal que nunca ultrapassa duas linhas e aparece às vezes no lado esquerdo, às vezes no direito da página dupla, quase sempre localizado na sua parte superior. A brevidade do texto nos livros infantis ilustrados é, como bem avalia Linden (2011), relativa e variável, embora justificada pela predominância, em termos espaciais e semânticos, da imagem no suporte.

Nesse livro ilustrado, destaca-se a atuação da linguagem visual na ambientação, apresentando e descrevendo o ambiente retratado sucintamente pelo texto escrito. Múltiplos aspectos e detalhes do lugar são trazidos pelas ricas ilustrações, acrescentando informações relevantes ao conhecimento do leitor sobre a favela que é observada, da janela, pelo narrador. Como anunciado por Nikolajeva e Scott (2011), detalhes da descrição visual oferecem informações importantes sobre lugares que estão além da experiência do jovem leitor, o que pode ser o caso do espaço da favela. Segundo as autoras, em comparação ao verbal, no livro ilustrado a linguagem visual é mais propícia à descrição do espaço, podendo apresentar, de modo mais eficaz e eficiente, cenas internas e paisagens externas, relações espaciais entre corpos e objetos, além de seu tamanho e posição. Na imagem a seguir, vê-se como a apresentação do ambiente da favela, através da linguagem visual, amplia e concretiza, para o leitor, o que de fato o menino-narrador observa:

Fig. 1: Ambiente da favela



O caráter descritivo da imagem é notório, fornecendo a quem lê a obra elementos visuais que tanto denotam o afirmado no texto verbal, quanto trazem aspectos não ressaltados por ele. Nesse sentido, a partir da descrição visual, é possível conhecer mais detalhadamente o ambiente focalizado pelo narrador de sua janela, que além de lajes e telhados, tem plantas, postes com fios emaranhados, caixas d'água, varais com roupas estendidas, escadas, animais como gatos e pássaros, entre outros elementos. Como apontado por Nikolajeva e Scott (2011), nos livros ilustrados, na maioria das vezes as imagens expandem o que o texto verbal descreve, podendo ir muito além dele, de modo que a ambientação é apresentada em termos mais visuais do que verbais. Para tanto, nesses livros pode ser encontrada uma diversidade de soluções de imagem na descrição do cenário, a exemplo do uso de planos panorâmicos, especialmente nas páginas introdutórias.

Cabe ponderar, ademais, que o narrador verbal também desempenha papel relevante, ao encaminhar o leitor à atenção a certos detalhes do cenário, apesar da representação visual deste dar-lhe considerável liberdade de interpretação. No caso da página dupla em que o narrador se refere, mesmo que indiretamente, à violência na favela, o elemento verbal aponta para os sons que o entristecem e impedem de sair de casa. Isso provavelmente direciona o olhar do leitor à casa branca na página da esquerda, na qual, pela primeira e única vez no livro, a janela do menino aparece fechada, como a da maioria das demais casas, e é possível, através de seus vidros, visualizar parte de sua cabeça mostrando-o no interior da residência. O leitor pode ser ajudado a atribuir sentido aos sons que deixam o narrador muito triste através de outros elementos dessa ilustração, a exemplo do detalhe do canto superior direito da página, no qual uma parede verde estampa riscos e furos que aparentam ser marcas de tiros e onde, paradoxalmente, a palavra paz e flores de cor lilás aparecem pintadas. Dessa forma, embora o texto verbal encaminhe o leitor à representação do exílio do narrador dentro de casa, a descrição visual possibilita-lhe, a partir de outros elementos, atrelar a tristeza e a solidão do menino às situações em que o seu cotidiano na favela é interrompido devido à violência.

Outra característica marcante das ilustrações de Vanina Starkoff na obra é a proeminência das cores que, em múltiplos matizes e tons interrelacionados, concedem, ao olhar daquele que observa o livro, uma atmosfera festiva e agradável, necessária à compreensão, a partir do olhar da criança que a observa de sua janela, da favela como lugar cheio de vida e alegria, embora também de dificuldades e problemas. Prestando-se a colaborar com o texto escrito para compor essa ideia sobre o lugar, as ilustrações, seus detalhes e múltiplas cores ajudam a desconstruir uma visão desse ambiente como monocromático e indiferenciado, uma vez que o materializam como espaço vivaz, multicolorido e diverso. A leitura efetiva dessa obra implica, portanto, a contemplação

atenta de suas cores e das minúcias de suas ilustrações, condição que reforça a ideia de Salisbury e Styles (2013), ao caracterizarem os livros ilustrados como “verdadeiras aulas de observação e avaliação de textos visuais” (p. 77).

Na quase totalidade das páginas do livro, excetuando-se três que representam o ambiente noturno e um dia cinzento e de muita chuva, constata-se a presença marcante da cor verde em árvores, plantas, arbustos, morros e no campinho onde as crianças jogam e constroem sonhos. A opção da ilustradora por destacar essa cor nas imagens parece relacionar-se tanto ao tom esperançoso que permeia toda a obra quanto à vitalidade do ambiente da favela retratado pelo olhar afetuoso do menino-narrador. Assim, ressaltando o verde em suas ilustrações, ela recorre à natureza e à capacidade que ela tem de brotar mesmo em território adverso e hostil, para ajudar a contar a história e a enfatizar o caráter simbólico que nela se faz tão significativo.

O trabalho da ilustradora no uso das cores também ajuda a significar e a manifestar a plurissignificação do texto, como é evidenciado pela página dupla em que o menino-narrador e sua janela são apresentados pela primeira vez no interior do livro. Nessa página, predomina a cor cinza, exceto no que está localizado no interior da casa do personagem, conforme visto pelo leitor que a observa de fora. A recorrência a essa cor denota o dia cinzento e chuvoso de que o texto escrito fala, mas também se presta a dar espaço para que o valor atribuído ao objeto livro e ao que ele representa como possibilidade às crianças habitantes da favela comece a ser destacado na obra. Por esse motivo, nessa ilustração específica, pelo uso de cores que contrastam com o cinza, evidenciam-se o livro que o menino segura e sua capa, na qual se destaca um arco-íris que, visitando o barraco do menino, o preenche com cor e esperança, mesmo nos dias em que, num sentido denotativo, a chuva intensa traz tanto temor e intranquilidade aos que habitam os morros e favelas, e, simbolicamente, uma existência cinzenta parece negar possibilidades de transformação de condições existenciais que parecem insuperáveis.

Em algumas páginas duplas, nas quais a opção é apresentar uma visão panorâmica da favela, à primeira vista tem-se a impressão de que há um certo exagero visual em imagens nas quais são inseridos múltiplos detalhes referentes aos elementos físicos, humanos e da vida cotidiana desse lugar tão caro ao menino que o apresenta. Entretanto, esse aparente excesso logo se justifica em virtude da necessidade de retratar o visto pelo narrador de sua janela e, também, de fazer a linguagem das imagens articular-se à das palavras, compondo com esta um discurso único (cf. LINDEN, 2011).

Num dos casos em que, *a priori*, se poderia avaliar a ilustração como sobrecarregada de informações visuais, o menino, ao descrever o que observa de sua janela, afirma: “É gente para todo lado!”, ideia muito eficazmente representada pela autora-ilustradora ao nos apresentar a favela em sua efervescência cotidiana, com moradores deslocando-se pelas vielas, a pé e de motocicleta, para chegar ao trabalho e, também, desenvolvendo atividades na própria comunidade.

Fig. 2: As atividades desenvolvidas na favela



Na ilustração, a ideia de “gente para todo lado” concretiza-se visualmente com muita gente circulando em todos os cantos que, de seu lugar de observação, o jovem narrador contempla. A esse respeito, cabe relevar a importância da expressão da simultaneidade, recurso através do qual a ilustradora faz conviver, num mesmo plano, “uma multidão de personagens ou cenas independentes” (cf. LINDEN, 2011, p. 106).

Outro elemento presente nesta e em grande parte das ilustrações do livro são os balões de fala dentro dos quais está posta a interjeição “olá”, aparentemente pronunciada pelos moradores da favela, uma vez que os apêndices desses balões saem dos telhados das casas retratadas. Esse detalhe das imagens, além de suscitar o dinamismo próprio das comunidades onde as habitações são conjugadas e as pessoas coexistem em grande proximidade, ajuda a apresentar a favela como espaço de convivência harmônica, no qual vizinhos se cumprimentam e felicitam, reforçando a visão positiva desse espaço, apresentada pelo menino que o descreve.

Além de retratarem o cotidiano da favela onde vive o menino, as ilustrações coloridas e alegres destacam a vida cultural nesse espaço, enfatizando atividades escolares e comunitárias desenvolvidas com as crianças e que incluem a leitura, a escrita, o teatro e a música. Ao longo do livro, ressaltam-se, além do menino-narrador, as crianças habitantes desse espaço que, como quaisquer outras, envolvem-se ativamente nas brincadeiras, conversas, jogos, música, poesia e sonhos vividos coletivamente. As imagens, mesmo quando referentes à violência e aos sons tristes que impedem essas crianças de ir à escola e de brincar fora de casa, coadunam-se com o tom esperançoso da obra e não perdem o colorido nem deixam de retratar os sorrisos de quem sonha, por exemplo, com voltar ao campinho para jogar futebol e brincar.

A recorrência da aparição de vários momentos da narrativa que representam pessoas portando um livro ou lendo parece denotar a importância do livro na formação humana, percepção reforçada pela biografia do próprio autor, Otávio Júnior, que diz ter sido salvo por um livro, ao referir-se ao seu primeiro encontro com esse artefato, aos oito anos, quando revirava o lixo perto de sua casa: “Fui salvo por um livro, pois acredito na força desse objeto mágico – e quero que a favela esteja imortalizada dentro dele”. Vejamos um desses momentos da obra:

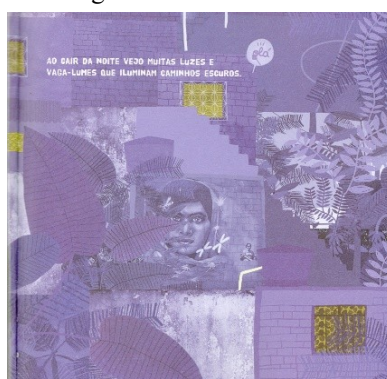
Fig. 3: Crianças dirigindo-se à escola, portando livros e brincando



A paixão pelos livros, desde criança alimentada, foi então difundida na vida adulta do autor por meio do projeto “Ler é 10 - Leia favela”, que ele criou e mantém para incentivar a leitura no Morro do Alemão.

Outras referências artístico-culturais que se destacam na obra são as reproduções de grafites existentes na cidade, que aparecem de forma discreta em muros de casas retratadas pelas ilustrações. Uma dessas reproduções, que é mostrada em destaque no centro de uma das páginas, traz o rosto da ativista paquistanesa Malala Yousfzai, a partir de um grafite originalmente feito na favela Tavares Bastos, no Catete, zona sul do Rio de Janeiro. Malala é conhecida mundialmente por sua luta pelo acesso feminino à educação no Paquistão, causa pela qual quase morreu, vítima de um atentado talibã. Por sua luta, foi laureada com o prêmio Nobel da Paz em 2013. Vejamos a página do livro que contém esse grafite:

Fig. 4: Grafite de Malala



Outro grafite reproduzido pelas ilustrações da obra é denominado “Toda Mulher é linda”, de Luna Buschinelli, que pode ser visto na Av. Presidente Vargas, também no Catete, e destaca-se por sua dimensão e beleza. Através das ilustrações de Starkoff, o livro valoriza o grafite como manifestação relevante às atividades culturais e educativas desenvolvidas nos morros e favelas cariocas, ao embelezamento da cidade e à expressão de seus artistas. Por esse motivo, inclusive, as obras apresentadas ao longo das páginas são creditadas ao Atelier das Palavras – Associação Meninas e Mulheres do Morro, a Panmela Castro e à ONG Atitude Social.

Aspecto em destaque no livro, dado o seu título e a ênfase ao lugar de onde a favela é observada, é a janela. Sua representação é uma constante em toda a obra, aparecendo nas moradias retratadas e muitas vezes permitindo que, de fora, se visualizem os moradores e suas ações no ambiente doméstico. Ressalta-se especialmente a janela de onde o menino-narrador observa o espaço de sua favela, que

aparece na capa e em várias outras páginas internas. Já na capa, o centro da ilustração, que reaparece em parte no miolo do livro, traz uma janela aberta, pela qual é possível observar um menino sorridente escrevendo algo em um papel semelhante a outros escritos que, num varal posto ao fundo, estão expostos. Abaixo dessa janela, próximo a ela e sobre o branco da parede da casa, está colocado o título do livro, estratégia que permite ao leitor antecipar que a obra vai se referir àquela janela específica e àquele menino que, feliz, posta-se em frente a ela para escrever. A esse respeito, Nikolajeva e Scott (2011) afirmam que “Uma imagem de capa que se repete dentro do livro, mesmo com uma leve variação, antecipa o enredo e, junto com o título, [...] fornece algumas informações sobre a história” (p. 312). Vejamos:

Fig. 5: Capa do livro



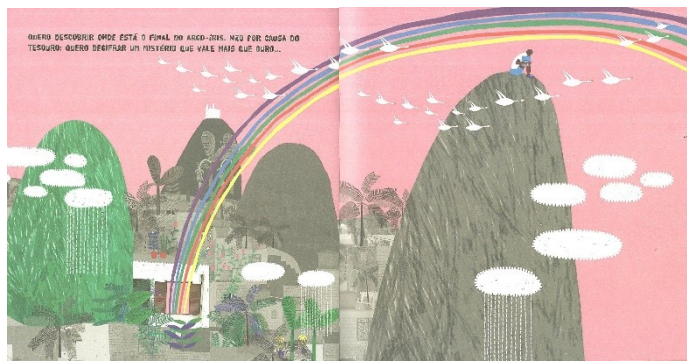
Pensar na janela como meio através do qual se amplia o olhar sobre um espaço, visualizando-o de modo mais completo e abrangente, possibilita ressaltar o que, no livro, a janela de onde o menino observa o seu lugar denota: a capacidade de, vivendo esse espaço e sentindo-se pertencendo a ele, compreendê-lo em sua beleza, potencialidade e dinamismo. Nesse sentido, é o olhar desse menino sobre a favela, mostrada como lugar de esperança, sonhos, relações amistosas, afetos e alegrias, que auxilia a desconstruir visões negativas e preconceituosas a seu respeito. Assim, deslocando-se para a perspectiva da criança que já foi e recuperando a bagagem experiencial construída enquanto morador de favela e ativista cultural no interior desse ambiente, Otávio Júnior nos convida, com seu texto, a conhecer a favela e a pensá-la como um lugar diferente do que apregoa o discurso do senso comum.

O tom positivo com o qual o menino-narrador caracteriza o espaço que tão orgulhosamente denomina de “seu” é patente, além de na linguagem visual, também na verbal. Nelas, cabe destacar a presença do arco-íris, elemento sintetizador da relevância atribuída, na obra e na vida do autor, à leitura, ao livro e à arte como formas de colorir a existência e sonhar novas possibilidades. Posto diante da afirmação do menino de que o arco-íris visita o seu barraco nos dias cinzentos, colorindo-os, e de que quer descobrir onde está o seu final para “decifrar um mistério que vale mais que ouro”, o leitor é impelido a trabalhar no âmbito do implícito, penetrando em camadas mais profundas do texto, a fim de atribuir sentido a esse “mistério” de que o narrador fala. Para tal, é auxiliado pelas ilustrações e pela articulação intrínseca destas com o verbal, precisando atentar ao fato de que o menino segura um livro que tem um arco-íris na capa e que, segurando-o, parece ser alçado, pelo arco-íris que sai de sua janela e colore o céu sobre a favela, ao cume do morro mais alto das redondezas, de onde, feliz, parece vislumbrar o horizonte ao longe. Assim, figurativamente, a linguagem verbal, articulada adequadamente à visual, remete à leitura, aos livros e à escola a possibilidade de, no espaço da favela, as crianças construir um futuro diferente.

Fig. 6: Leitura na janela



Fig. 7: O livro e a contemplação de novo horizonte



A leitura efetiva desse livro ilustrado também demanda do leitor possuir conhecimentos prévios acerca da realidade das favelas brasileiras, condição que o auxiliará a lidar com subentendidos e, em decorrência, a interpretar. Embora o texto verbal só revele que o que o menino-narrador contempla da janela é a sua favela, ao longo de todo o livro, especialmente devido às ilustrações, mas também por meio de vocábulos apresentados no texto verbal (lajes, barraco, funk), o leitor já constata ser esse o ambiente onde vive o menino. Ideias como as de que, diante do calor excessivo, pessoas trazem o mar para suas casas, tornando o dia mais fresco, e de que, de sua janela, o menino-narrador escuta sons que o entristecem, impossibilitando a ida à escola e a brincadeira de jogar bola no campinho, são exemplos das exigências que o texto escrito faz àquilo que o leitor já conhece. No processo de atribuir sentido às ideias de trazer o mar para casa e de se entristecer com determinados sons, ele precisa, para alcançar o que está apenas pressuposto, recorrer aos seus conhecimentos anteriores de que, nas favelas, pessoas se divertem e refrescam, nas lajes, com banhos de mangueira, piscina e sol, e de que nelas ocorrem tiroteios que exigem que os moradores se protejam em suas casas.

Além do mais, esses conhecimentos de que o leitor já dispõe também podem ser alterados e ampliados a partir da leitura do livro, viabilizando a construção de uma outra compreensão sobre o espaço da favela. Nessa perspectiva, Ferreira assevera que

A leitura do livro ilustrado, ao permitir contato com textos verbais e não verbais, atraentes, críticos, irônicos e lúdicos, faculta ao leitor a ampliação de conhecimentos, pois rompe com conceitos prévios. [...] Portanto, é válida a hipótese de que a leitura desse livro permite despertar o olhar crítico desde a infância. (2012, p. 185)

Nessa direção, ao final do livro, o narrador se dirige ao leitor e o convoca a olhar o mundo da sua janela: “E você, o que vê da sua janela? ... E se a sua janela fosse mágica e você tivesse o poder de criar coisas novas? O que gostaria de ver através dela?”, num convite a experimentar o desvelamento do desconhecido, do inusitado, proporcionado pela magia e o encantamento da criação literária. Desse modo, a janela revela-se como um símbolo da abertura e da receptividade para ver e apreciar a vida por novas perspectivas, ideia que permeia toda a obra e se consolida pelo olhar afetivo e poético do narrador para as favelas cariocas.

4 Considerações finais

Como palavras finais, inicialmente, ressaltamos a importância de uma ampla gama de livros criativos e desafiadores ser apresentada às crianças em seus primeiros contatos com a literatura, uma vez que a leitura dessas obras pode não somente contribuir significativamente para a formação do leitor literário infantil, mas também incentivar as crianças a pensar profundamente sobre o mundo que as cerca, cumprindo a função humanizadora da literatura.

Desse modo, entendemos que a análise do livro ilustrado infantil *Da minha janela* revela a qualidade estética da obra que, por meio de um projeto gráfico que articula de forma singular e criativa as linguagens visual e verbal, pode proporcionar às crianças um exercício prazeroso, exigente e reflexivo de interpretação, na direção de construir uma visão mais positiva das favelas, como espaços de grandes potencialidades.

Por fim, advogamos a necessidade de abordar obras, a exemplo da analisada neste artigo, nos processos de letramento literário na escola, a partir de uma mediação que valorize as linguagens visual e verbal na construção dos sentidos dessas obras, considerando suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo, emocional, estético e intelectual do leitor criança.

5 Referências

- COELHO, Nelly N. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2003.
- FERREIRA, E. A. G. R. Por uma piscadela de olhos: poesia e imagem no livro infantil. In: AGUIAR, V. T. de; CECCANTINI, J. L. (Org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 153-190.
- HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução Cid Knipel. ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- LINDEN, S. V. der. *Para ler o livro ilustrado*. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NIKOLAJEVA, M., SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- OTÁVIO JÚNIOR. *Da minha janela*. Ilustrações Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- RAMOS, Flávia Brochetto; Neiva Senaide Petry Panozzo. Leitura da literatura infantil como possibilidade de multiletramento. *Linguagem & ensino*. Pelotas, v.15. 39-63, jun/jun 2012.
- SALISBURY, M.; STYLES, M. *Livro infantil ilustrado: a arte da narrativa visual*. Tradução Marcos Capano. São Paulo: Rosari, 2013.